



Fotos: David Tesinsky

Diretor de circo leva seu tigre para passear em Hradec Králové, a 100 km de Praga: Tesinsky sempre busca o inusitado

## UM MERGULHO EM SUBCULTURAS E **cen**as urbanas

POR MÁRIO FITTIPALDI

David Tesinsky, da República Checa, percorreu o mundo para retratar o universo de personagens obscuros, criando uma ousada narrativa do *underground*

A fotografia de David Tesinsky tem algo de inquietante. Quase sempre construídas sobre temas incomuns, suas narrativas visuais cativam pela força e pela ousadia. O fotógrafo de 27 anos nascido em Praga, na República Checa, percorreu boa parte do globo nos últimos dez anos para documentar o que chama de subculturas, que vão de transgêneros em Havana, Cuba, a rituais

de exorcismo em Adis Abeba, Etiópia, entre outros grupos, como *rappers* nos Estados Unidos, rastafáris na Jamaica ou até mesmo uma seita satânica em sua cidade natal.

De personalidade inquieta, David Tesinsky se define como alguém que está sempre em busca de algo controverso, de um personagem único ou de estilos de vida especiais. “Capturo alguns momentos brilhantes, mas principalmente muito da diversidade e



Acima, imagem feita em Leuven, na Bélgica, para a série editorial *Life is Good* (A vida é boa): quebra de estereótipos; abaixo, rastafári nos arredores de Kingston, Jamaica: o fotógrafo costuma se identificar com os universos que retrata





Fotos: David Tesinsky

Antes e depois: transgênero Natasha em performance em boate de Havana, Cuba (acima), e durante como Pablo vendendo frutas no subúrbio (abaixo)



também dos problemas da atualidade ao redor do mundo”, explica.

Como exemplo, cita a sua série *Children of Islam* (Filhos do Islã, em tradução livre), em que documentou o ativismo revolucionário de jovens iranianos de Teerã, no Irã, em 2015. “Eles en-

frentam uma árdua luta pela democracia. São o segmento mais reativo da sociedade iraniana e representam uma ameaça crescente e de longo prazo ao regime teocrático”, avalia. “Esse foi, talvez, meu trabalho mais difícil, já que o ativismo deles é ilegal e a aproxi-

mação foi cautelosa. É compreensível, pois, se forem identificados, podem até ser condenados à morte”, afirma.

## IMERSÃO E CURIOSIDADE

Tesinsky diz que sua maior dificuldade é mesmo convencer seus personagens a se deixar fotografar, já que quase sempre documenta pessoas em situações íntimas, constrangedoras ou até mesmo ilegais. Mas não é só: sempre que possível, ele procura se envolver com o universo que quer retratar. “Penso que só conseguirei boas imagens se aprender um pouco de cada cultura, vivenciando-a e mudando a minha abordagem à medida que a minha experiência imersiva se amplia”, teoriza. “Vivi isso durante a série com os jovens revolucionários iranianos, muitas vezes me senti parte deles, como se tivesse nascido lá”, explica.

O fotógrafo conta que também se envolveu muito com o povo e a cultura rastafári quando clicou a série *Jah People* (Povo de Jah) em Kings-



**Jovens ativistas que lutam contra o regime teocrático de Teerã, no Irã, têm identidade protegida pelo fotógrafo**

ton e arredores, na Jamaica. Segundo ele, o fato de já ter forte identificação com o *reggae*, a *dub music* e a filosofia rasta ajudou muito a fazer os contatos certos. “Há uma grande diferença entre aqueles que simplesmente têm *dreadlocks* e os reais seguidores de Haile Selassie”, explica, referindo-se ao controverso imperador etíope considerado a reencarnação de Jah (Deus) pelos seus seguidores. “Os rastafáris de verdade não bebem, não fumam, não comem carne e podem até ser carecas”, pontua.

Tesinsky ressalta, no entanto, que nem sempre tem essa identificação com as cenas que documenta, citando como exemplo o documentário *Satan with us* (Satã entre nós), quando acompanhou rituais de uma seita satânica em Praga. “Não compac-

tuou com a crença e as práticas desse grupo. Nesse caso, o que me move é apenas a curiosidade”, esclarece.

O trabalho sempre começa bem antes da viagem, com muita pesquisa. “Passo muito tempo procurando quem contatar em cada lugar”, ex-

plica, acrescentando que precisa ser alguém que conheça bastante o universo que ele deseja fotografar e que, além disso, fale inglês. O trabalho é difícil porque o fotógrafo está sempre em busca de grupos ou situações que não fazem parte do cotidiano da



**Cena da Parada Gay de Praga com muçulmanas ao fundo: Tesinsky busca sempre os contrastes**



Sessão de exorcismo em igreja ortodoxa etíope, em Adis Abeba

maioria das pessoas comuns. “Muitas vezes, contato gente que simplesmente não conhece o que eu quero fotografar”, diz. Quando encontra o personagem certo, troca ideias *on-line*, depois o encontra pessoalmente e acompanha seu dia a dia. Foi assim com o transgênero Abi, na série



O fotógrafo checo David Tesinsky: gosto pelos contrastes do cotidiano

*Before Night Falls* (Antes que a noite caia), em Havana. “Ou então vou atrás de algo que já está nas ruas, como favelas, prostitutas ou viciados, e procuro contar a história daquelas pessoas. Ainda assim é difícil, pois pode ser que não consiga identificar uma narrativa se não souber nada sobre o universo que quero explorar.”

Como é fácil imaginar, Tesinsky passa por alguns perrengues durante suas viagens. O maior deles foi na Etiópia, onde documentou sessões de exorcismo na igreja ortodoxa Yeris Selassie, na periferia de Adis Abeba, em 2014. Ele conta que multidões procuram o padre exorcista Memehir Girma Wendimu, que, aliás, cobra bem caro por cada sessão. “São pessoas em grande sofrimento”, compadece-se. Além das cenas fortes, quase perdeu tudo o que tinha. “Eu voltava uma noite de um bar acompanhado de meu contato na cidade quando surpreendemos um amigo, que estivera conosco havia pouco, mexendo nas minhas malas depois de ter arrombado a porta e invadido a casa onde eu estava”, recorda-se. “Eles brigaram de uma maneira muito violenta, fiquei receoso. Felizmente tudo acabou bem”, alivia-se.

## INÍCIO CONTURBADO

Tesinsky tinha 12 anos quando ganhou sua primeira câmera, uma compacta de 6 megapixels. Mas, à época, estava muito mais interessado em praticar skate. “Só a usava para zoar meus colegas de escola”, brinca, acrescentando que demorou alguns anos para encontrar um sentido mais nobre para a câmera, quando começou a estudar fotografia. No entanto, o encanto pela arte ainda teria de esperar um pouco mais, já que o então adolescente estava mais envolvido com a música. “Participava de grupos de *punk rock* e só queria saber de tocar guitarra”, conta.

A fotografia entrou realmente em sua vida aos 20 anos, depois que abandonou a graduação em Praga e resolveu correr o mundo. Foi primeiro aos Estados Unidos e, em seguida, começou a viajar por países asiáticos, produzindo várias séries de fotos no Nepal, no Camboja, na Tailândia e no Japão. “Fiz essas viagens com quase nenhum dinheiro, cheguei até a dormir em parques”, conta.

Hoje Tesinsky vive em Praga como fotógrafo *freelancer*. Usa uma DSLR Canon 5D Mark III, equipada na maioria das vezes com uma lente 24-



**Americana chora na calçada em Praga ao saber da eleição de Trump e é consolada por amiga: busca por cenas da cidade**

70 mm f/2.8. Também leva na bolsa uma grande angular.

Já publicou nos principais jornais e revistas do mundo, entre eles no norte-americano *The Huffington Post*, no inglês *Daily Mail*, no francês *Le Monde* e no italiano *La Repubblica*, além das revistas *Paris Match*, francesa, e *Reporter Magazine*, da República Checa.

## CENAS CHECAS

Tesinsky também retratou muito do seu próprio país. São inúmeras séries, que contam um pouco da vida exótica de seus personagens – alguns obscuros, como os seguidores de Satã, outros curiosos, como uma cena da Parada Gay de Praga, e também cenas de muita sensibilidade, como os belos retratos em P&B de Kveta, de 107 anos, a mulher mais velha da República Checa.

São de sua terra natal, aliás, suas fotografias preferidas. A eleita veio de uma série de 2016 sobre a vida de artistas do circo JoJoo. Ele capturou o diretor, Jaromir, atravessando calmamente uma rua na cidade de Hradec Králové (a 100 km de Praga) levando seu tigre Tajga pela coleira.

O fotógrafo revela sua predileção por *street photo* e fotografia cândida – aquela tirada de momento, sem o conhecimento do fotografado. Outra

de suas imagens preferidas foi obtida assim, na saída de um bar em Praga, onde havia ido acompanhar a apuração das eleições para a presidência dos Estados Unidos, em 2016, em busca de personagens e cenas. Passou a noite toda lá até que Donald Trump fosse anunciado presidente e, como nada aconteceu, resolveu ir embora. “A cena que eu queria estava do lado de fora: uma garota americana chorava sentada na calçada, enquanto sua amiga a consolava, dizendo que não havia problema. Agora ambas vivem na República Checa”, conta.

Tesinsky acredita no poder da fotografia de melhorar o mundo, e essa é a sua grande motivação. Entre seus novos projetos, a visita ao Brasil está nos planos, provavelmente já para o final de 2017, embora ele ainda não tenha ideia do que pretende clicar. Isso não chega a ser um problema. Considerando-se o perfil de Tesinsky, certamente não faltarão temas e personagens por aqui. ●

**Mais sobre David Tesinsky em:**  
[www.tesinskyphoto.com](http://www.tesinskyphoto.com)  
[www.facebook.com/DavidTesinskyOfficial/](https://www.facebook.com/DavidTesinskyOfficial/)



**Kveta, de 107 anos, a mulher mais velha da República Checa: sensibilidade**